

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1405 | 18/09/2017 a 24/09/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



MERCADO DE CARNES

VALOR AGREGADO

Avanço na diversificação do campo amplia conversão de grão em proteína no Paraná

sistemafaep.org.br

FALTAM

1 0 5

DIAS

Para inscrição no CAR
e adesão ao PRA



PRA
PROGRAMA DE REGULAÇÃO AMBIENTAL RURAL

Aos leitores

A fama da qualidade da carne produzida no Paraná é internacional. O Estado também é referência no volume da produção de proteína animal. Antes conhecido como celeiro de grãos, o Paraná avançou ao consolidar a diversificação nas propriedades rurais. Os números fizeram o setor atingir níveis invejáveis.

Nesta edição, reportagem mostra como a Áustria vem consolidando a produção de energia renovável. A delegação do Sistema FAEP/SENAR-PR visitou o país europeu para conhecer como os agricultores locais estão produzindo energia simultaneamente ao trabalho no campo.

Boa leitura.

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

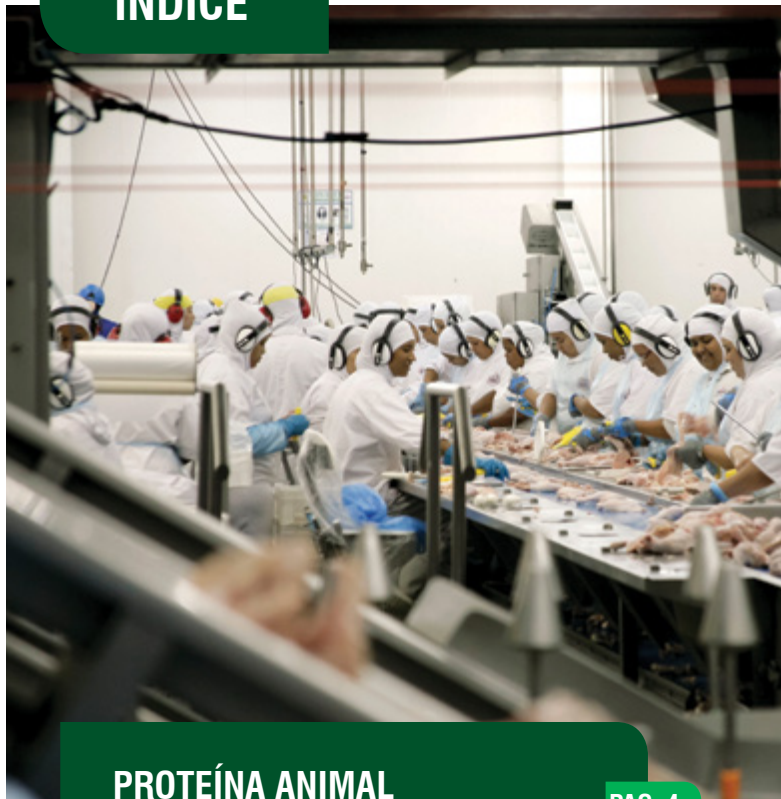
Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Edição:** Ricardo Medeiros | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figueil | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1405:

Fernando Santos, Milton Doria, Giuliano Gomes, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE



PROTEÍNA ANIMAL

A força da carne paranaense

PAG. 4

CLIMA

Tempo seco continua no Paraná

Pág. 3

VIAGEM TÉCNICA

Áustria tem meta ambiciosa para produção de energia renovável

Pág. 8

IAP

Prazo para pedido de revisão de Termos de Compromisso

Pág. 13

HISTÓRIA

A pintura mais famosa do mundo

Pág. 16

SENAR-PR

Curso auxilia mudança de gestão de empresa em Dois Vizinhos

Pág. 18

Período de plantio começa com tempo seco no Paraná

Previsão é de que safra de verão no Estado enfrente chuvas mal distribuídas e veranicos ao longo do ciclo, segundo meteorologista



que o motivo para tantos dias secos no Estado é um bloqueio atmosférico. O fenômeno impede que frentes frias avancem, o que possibilitaria a formação de linhas de chuva. “Nos próximos dias o tempo continua com sol e muito calor, com máximas perto de 40°C nos municípios próximos ao vale dos rios Paraná e Paranapanema”, revela.

Rumo à *La Niña*

A tendência do clima na temporada 2017/18, segundo Lazinski, é de uma situação de neutralidade com um caminhar gradativo para o registro de *La Niña* (resfriamento acima da média das águas do Oceano Pacífico) a partir da segunda metade de novembro. Com esse cenário, o volume de chuva costuma ser menor na Região Sul do Brasil, incluindo o Paraná. “O agricultor que não espere

A safra de verão 2017/18 começou com dias secos no Paraná, como uma amostra daquilo que deve ser a tendência dos próximos meses. Assim como em julho e agosto, as previsões até o momento apontam para chuvas irregulares e veranicos com dias quentes e sem precipitação. Chuva significativa mesmo só a partir do dia 23 de setembro. A previsão é do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Em Maringá, no Noroeste do Paraná, por exemplo, o último dia com chuva foi 20 de agosto, quando caíram 26 milímetros. De lá até o dia 14 de setembro não houve mais uma gota sequer na estação meteorológica. Situação muito parecida com a da estação de Castro, nos Campos Gerais, que também registrou no dia 20 de agosto a última chuva, de 48 milímetros. E a situação se repete em praticamente todos os municípios paranaenses.

O meteorologista Luiz Renato Lazinski, do Inmet, revela

um clima tão bom quanto foi o dos últimos três ou quatro anos. Vamos ter chuvas irregulares e possivelmente períodos com veranicos ao longo do ciclo”, avisa.

O presidente da Comissão de Grãos da FAEP, Ivo Arnt Filho, alerta que um atraso no plantio da soja agora pode comprometer os planos dos produtores que se programaram para apostar em uma segunda safra de milho. “Ainda é cedo para fazer qualquer previsão sobre o andamento da safra, está muito no início, mas estamos atentos, sim, ao aspecto clima, que nesse início apresenta condições de alerta pela falta de chuva”, diz.

Arnt Filho aponta que quanto mais tarde ocorrer o plantio, maiores são os riscos para a disseminação da ferrugem asiática, principal doença que ataca a cultura da soja. “O produtor deve ficar atento e ter um cuidado redobrado quanto ao controle adequado para garantir uma fitossanidade adequada da cultura”, orienta.

Celeiro de grãos... e de proteínas

Nas últimas décadas, Paraná intensificou o processo de agregar valor ao resultado das lavouras, impulsionando o setor de carnes e os ganhos dentro e fora da porteira

Por Carlos Guimarães Filho, com colaboração de Rodrigo Ernest Arnt



O Paraná carrega o rótulo de “exímio produtor de grãos”. Esse título segue mais válido do que nunca, com os consecutivos recordes de produção. Porém, nas últimas décadas, o agronegócio por aqui tem se transformado, ou melhor, diversificado. Aos poucos, o Estado passou a converter parte dos grãos retirados das lavouras, principalmente milho e soja, em proteína animal, agregando valor à produção e, consequentemente, maior ganho financeiro para os elos da cadeia produtiva.

Os números superlativos na produção animal, dentro e fora da porteira, elevaram o setor a níveis invejáveis. Atualmente, o Paraná é tido como referência nacional e internacional na produção de proteínas, tanto na qualidade como na quantidade. Somando as três principais – frango, suíno e bovino – o Estado ocupa, com sobra, a posição de maior

produtor de carne do Brasil, de acordo com dados de 2016 da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano passado, pouco mais de 5 milhões de toneladas saíram dos frigoríficos paranaenses, enquanto Santa Catarina atingiu 3,1 milhões de toneladas e o Rio Grande do Sul, 2,5 milhões de toneladas.

Ano após ano, esse processo de converter grãos em carne passou a ter um peso maior no Valor Bruto da Produção (VBP) Agrícola. Em 2002, o somatório do VBP das principais proteínas produzidas no Estado (ave, suíno, bovino, ovino, caprino e pescado) representava 16,8% do VBP Agropecuário, contra 41,8% do VBP dos principais grãos (soja, milho, trigo, feijão e cevada). Em 2016, as proteínas registraram participação de 23,5% no VBP total, menos de 12 pontos atrás dos grãos (34,9%).

O avanço do método de “plantar milho e colher frango” também pode ser medido pelas cifras bilionárias movimentadas pelo setor de carnes. O crescimento do VBP das proteínas, entre 2002 e 2016, atingiu 156%, de R\$ 8,14 bilhões para R\$ 20,87 bilhões, quase três vezes o aumento do percentual do VBP dos grãos, que no mesmo período, foi de 53% – R\$ 20,17 bilhões para R\$ 31 bilhões.

“O Paraná sempre se destacou nesta transformação, no processo de agregar valor. O Estado tem inúmeras vantagens, como a posição geográfica, perto dos grandes centros consumidores, o Porto de Paranaguá, porta de saída das exportações, e a diversificação das atividades no campo. A partir disso, o Paraná soube aproveitar os espaços e cresceu para se tornar um grande produtor e exportador de proteína”, destaca Francisco Turra, presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

No campo, muitos produtores são o retrato deste processo de transformação. Em busca da diversificação da propriedade e maior ganho financeiro, agricultores passaram a integrar lavouras de grãos com aviários, granjas e/ou viveiros, otimizando da porteira para dentro.

Em Piraí do Sul, nos Campos Gerais, o produtor Guilherme Jonker, também presidente do Sindicato Rural local, reúne diversas atividades na propriedade. Hoje, são 60 hectares de lavoura (soja e milho), 380 mil frangos, de forma conjunta com um sócio, 2,5 mil suínos de corte e também produção de ovos.

“Como a área não é extensa, impossível fazer apenas

agricultura. Decidi apostar na avicultura e na suinocultura para obter ganhos”, recorda. “Agregamos valor em tudo que é possível. Os dejetos dos animais são utilizados para adubação da lavoura. Os grãos são entregues na cooperativa, onde pego a ração para os animais”, complementa.

Quantidade

Dentro do universo paranaense das proteínas, avicultura e suinocultura são os carros-chefes. A produção de frango cresce em progressão geométrica. No ano passado, o Estado produziu 4,1 milhões de toneladas da carne da ave, crescimento de 471% em relação às 720 mil toneladas de 1997, quando a atividade ainda ganhava traços para se tornar uma referência nacional.

Atualmente, o Brasil é o segundo maior produtor mundial, atrás dos Estados Unidos, e o Paraná é o maior produtor nacional. Fazendo uma analogia, se o Estado fosse um país, seria o segundo maior produtor de frango do planeta.

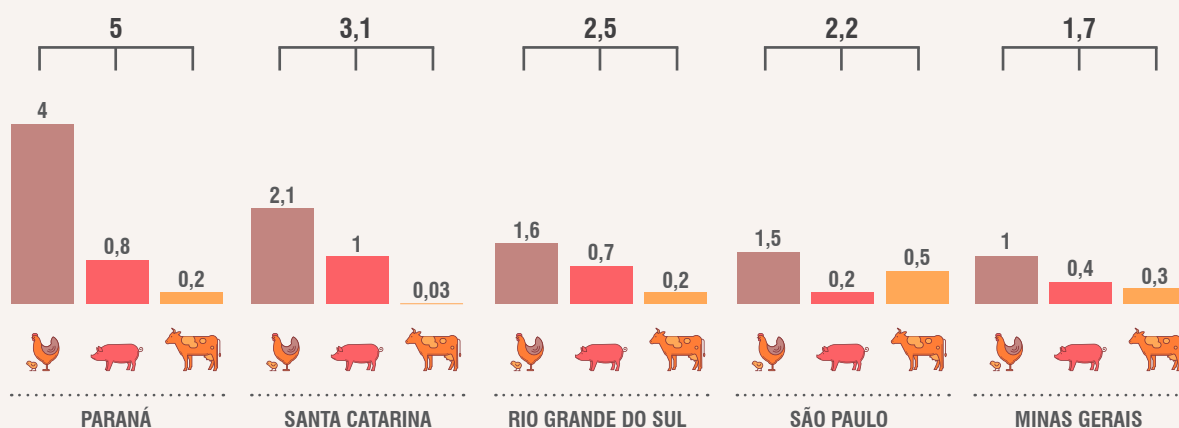
“Os avanços em tecnologia e pesquisa são imensos nos últimos anos. Há três, quatro anos, era preciso 1,8 quilo de ração para produzir um quilo de carne. Hoje atingimos 1 quilo de carne com 1,6 quilo de ração. Há casos com 1,550 quilo de ração. Isso mostra como o Estado tem se aprimorado na transformação de grãos em proteína”, ressalta Altacir Rissato, produtor, com 57 mil frangos em Paranaíba, e membro da Comissão Técnica de Avicultura da FAEP.

A suinocultura estadual também registra números inve-

COM SOBRA

Somadas as três principais proteínas (frango, suíno e bovino), o Paraná aparece como o maior produtor de carne do Brasil em 2016, com larga vantagem em relação aos outros Estados.

* milhões de toneladas



Fonte: IBGE

jáveis, a ponto de colocar o Paraná na segunda colocação no ranking nacional, atrás de Santa Catarina. No ano passado, a produção atingiu 737 mil toneladas, crescimento de 289% em relação às 189 mil toneladas de 1997.

Apesar da representatividade das duas cadeias, alguns desafios ainda se fazem presente. Segundo Turra, o Paraná, assim como outros Estados, precisa observar o gosto dos mercados internacionais e preparar produtos conforme os conceitos locais.

“Claro que o fato de vender peito de frango salgado para a Europa já agrega valor. Mas precisamos exportar produtos ainda mais elaborados e processados. Em determinados mercados, alguns produtos são uma grife. Não podemos mudar o hábito do consumidor, precisamos mudar a transformação do produto por aqui”, aponta o presidente da ABPA.

Altair Rissato, com conhecimento de causa, compartilha da opinião de que existe a necessidade de avançar em alguns aspectos. Ao longo dos 12 anos em que morou no Japão, o produtor comprovou que a população consome, em larga escala, produtos semiprontos. “Lá fora é comum a venda de produtos beneficiados, inclusive mais que os in natura. A dona de casa pega a caixinha de frango, coloca na panela e em três minutos está pronto. Aqui, a dona de casa fica uma hora para preparar o almoço”, conta. “Quando aumentar a renda do brasileiro, ele irá buscar um comodismo melhor, como ocorre lá fora”, complementa.

Qualidade

Ao contrário dos carros-chefes, a pecuária de corte estadual não registra números superlativos de produção. Dados de abate do IBGE mostram que o Paraná produz, em média, 300 mil toneladas/ano nas últimas 13 temporadas – pouco mais, pouco menos, dependendo do ano. Porém, a carne paranaense aposta na excelência para conquistar mercados e consumidores.

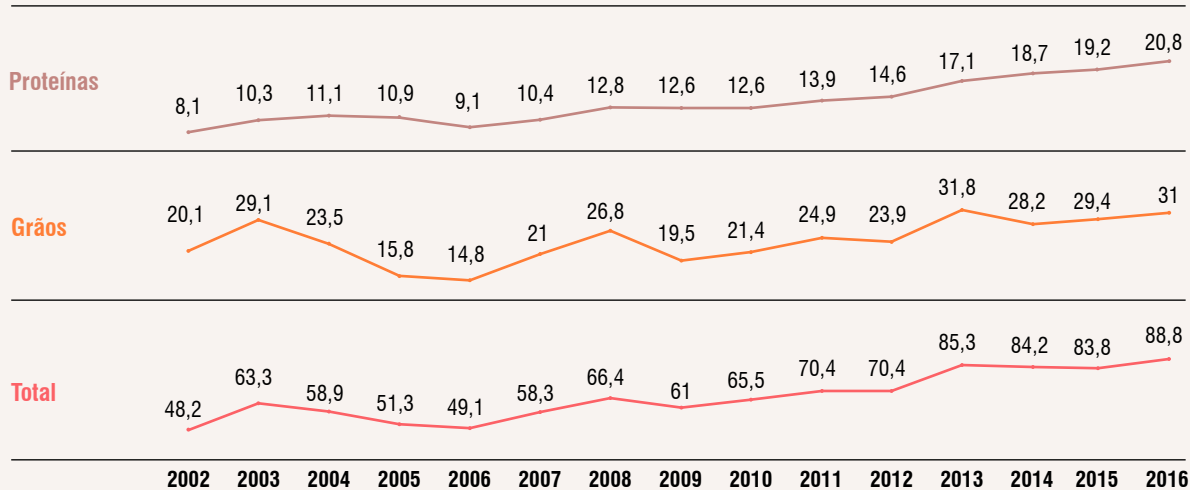
“Não temos um rebanho significativo para competir com Mato Grosso, Goiás e Pará. Nosso diferencial é trabalhar com nichos de mercado, produzindo carne de extrema qualidade. Nossa carne é considerada uma das melhores do Brasil”, afirma Rodolpho Botelho, produtor envolvido há décadas com a atividade, presidente da CT de Bovinocultura de Corte da FAEP e presidente do Sindicato Rural de Guarapuava.

Parte desta transformação do setor tem ocorrido nos últimos dois anos, desde o lançamento do programa Pecuária Moderna, com protagonismo da FAEP. Na prática, o objetivo é reduzir a idade de abate, ampliar a relação de unidade/animal por hectare e aumentar o rendimento de carcaça, entre outras metas. E está funcionando.

Apesar da média estadual de abate de 36 meses, os produtores ligados às seis cooperativas de corte espalhadas pelo Paraná, e que seguem as métricas do Pecuária Moderna, estão entregando animais com 18 meses. Em muitos

PROTEÍNAS X GRÃOS

Confira o desempenho do Valor Bruto de Produção (VBP) das principais proteínas e grãos no Paraná. Nos últimos anos, as carnes têm conquistado maior participação no VBP Agrícola, ocupando espaço dos grãos, dentro do processo de agregação de valor.



* Em bilhões de Reais / valores atualizados pelo índice IGP-M / VBP Grãos: milho, soja, trigo, feijão e cevada / VBP Proteínas: frango, suíno, bovino, caprino, ovino e pescado

Fonte: Seab

casos, com 14, 13 ou até 12 meses, os chamados hiperprecoces, que remuneram melhor. Ainda, enquanto a taxa de lotação no Brasil é de 0,5 unidade animal por hectare, por aqui o índice é de 1,5 unidade animal por hectare.

“As terras do Paraná são muito valorizadas e a disputa com os grãos é grande. Por isso, precisamos trabalhar com eficiência, buscando mercados diferenciados. Existem consumidores aptos a pagar um valor a mais por carne de qualidade com oferta regular”, ressalta Botelho. “O Brasil é o maior exportador de carne do mundo. Temos que trabalhar com qualidade para conquistar novos clientes, principalmente na Europa e Ásia. O potencial é muito grande”, complementa.

Futuro promissor

O desempenho, em qualidade e quantidade, das três cadeias consolidadas serve de bússola para a ovinocultura, caprinocultura e piscicultura, atividades com futuro promissor no Paraná. Nos últimos anos, as três proteínas têm registrado crescimento significativo, em função da mobilização dos elos da cadeia produtiva, investimentos em tecnologia e capacitação dos atores envolvidos.

Pela primeira vez, o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) destinou linhas de créditos específicas para ovinos e caprinos, para a aquisição de animais, recuperação de pastagens, melhoramento genético do plantel e até mesmo reforma de instalações nas propriedades. Esse tipo de incentivo deve contribuir para o aumento do plantel do Estado. Atualmente, o Paraná conta com 151 mil caprinos e 614 mil ovinos.

“Estamos vivendo um bom momento, com grande demanda pela carne dos animais. Esses recursos trazem motivação para o aumento do plantel”, ressalta Adriane Thives Araújo de Azevedo, produtora e presidente da Comissão Técnica de Caprinos e Ovinos da FAEP.

Hoje, a produção não atinge quantidade suficiente para abastecer o mercado interno, obrigando a importação da proteína de países como Uruguai e Nova Zelândia. Em 2015 (último dado disponível), o Paraná produziu 402 mil quilos, somando as duas atividades.

A piscicultura segue o mesmo caminho, de avanços e aumento do cardume e, conseqüentemente, crescimento do abate. Segundo dados da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (Seab), a produção estadual saltou de 17,7 mil toneladas em 2007 para 80,5 mil toneladas em 2015. A tilápia representa mais de 90% deste montante.

Nos próximos anos, a atividade deve registrar continuidade da expansão, potencializada pelos investimentos de agroindústrias e cooperativas nas linhas de produção para atender a demanda da população, em busca de uma alimentação mais saudável. Para abastecer os frigoríficos com matéria-prima de qualidade, milhares de produtores de diversas regiões do Estado estão ampliando e/ou ingressando na piscicultura.

Para subsidiar a cadeia produtiva, principalmente com foco na sanidade, um grupo de trabalho da aquicultura, formado por técnicos da FAEP, SENAR-PR, Seab, Agência

de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar), está mapeando a atividade e identificando demandas e desafios para, posteriormente, propor ações para a expansão orgânica da atividade no Paraná.



Energia que renova os Alpes

País tem 300 usinas de biogás, mas corte de subsídios governamentais preocupa produtores

Por Cynthia Calderon



A Áustria tem a meta de atingir 95% de sua matriz energética por meio de fontes alternativas até 2030. No início de 2000, o governo local começou a incentivar instalações para produção de energias renováveis (biogás, fotovoltaica e eólica), para calor, eletricidade e combustíveis, por meio de subsídios para a construção da estrutura física e na tarifa energética. Também houve estímulo para a realização de pesquisas.

Hoje, 6% da energia produzida no país vêm da biomassa, 14% de hidrelétricas e 5% de energia eólica. Ao todo, são 300 usinas de biogás na Áustria, que para serem sustentáveis necessitam vender além da energia elétrica o calor para uso na calefação das casas e processos industriais.

O governo austríaco está reduzindo o subsídio e quem investiu está preocupado com o futuro. O casal Elizabeth e Und Kurt Tauschmann iniciou há 13 anos a produção de biogás, utilizando dejetos de suínos e resíduos de milho, na propriedade da família, a Fazenda Styriabri. Eles inves-

tiram 2 milhões de euros, financiados pelo governo. Os Tauschmann ainda devem 200 mil euros e estão tentando prorrogar o prazo, de 13 anos, por mais três anos.

A usina deles, com capacidade anual de 8 mil megawatts, produz 4 mil megawatts ao ano. “Produzimos em seis horas o que uma família de quatro pessoas consome ao ano, que é cerca de 3 mil kW”, afirma Kurt Tauschmann. “A lei define o que pode ser utilizado como substratos. Nós podemos utilizar matérias renováveis na propriedade, exceto resíduos orgânicos das cidades”, explica.

A delegação de produtores e técnicos de instituições parceiras e do Sistema FAEP/SENAR-PR, que está viajando pela Europa, conheceu a área de 150 hectares da família, considerada grande para a região. Eles ainda somam mais 100 hectares arrendados em uma das vilas da região de Steiermark, que já foi a maior produtora de tabaco da Europa e hoje é grande produtora de vinho. A propriedade da família Tauschmann foi construída em 1832.

Sobra

Atualmente a Europa gera mais eletricidade do que consegue consumir e o mercado vem “derrubando” os preços. Quando a família iniciou a atividade recebia 0,18 centavos de euro por KW e o subsídio era de 0,06 centavos de euro. “Agora, o governo diz que 0,06 centavos é muito [o valor caiu para 0,03 centavos de euro]. A energia eólica e a elétrica são subsidiadas com 0,08 de euro. O preço de eletricidade, com inflação, seria de 0,13 centavos e não se podia imaginar que a eletricidade teria um preço abaixo”, lamenta Kurt Tauschmann. Para complemento de renda, a família também comercializa suínos, que rendem 10 euros por animal terminado, e silagem de milho.

A região de Steiermark teve muita chuva no inverno, o que permitiu uma grande safra. A família colheu 37 toneladas de silagem de milho por hectare. Na usina de biogás dos Tauschmann são utilizados 6 mil toneladas de silagem de milho e 3 mil metros cúbicos de esterco por ano. Todo o adubo produzido é usado na propriedade. Eles podem usar 212 quilos de nitrogênio por hectare ao ano.

Realidade

Há 30 anos, o vilarejo onde mora a família era todo voltado para a agricultura. São 50 residências e 30 delas são abastecidas de calor pela usina de biogás. Hoje, resta apenas mais uma propriedade rural, além da dos Tauschmann, na região.

Trabalham na propriedade os três filhos do casal e dois funcionários, além de estagiários na alta temporada. A Fazenda Styriabri é uma exceção, já que 98% das propriedades são familiares. O custo da mão de obra é alto, 35 mil euros por ano cada funcionário.

Biodigestão

Para subsidiar esse avanço, instituições como a Universidade de Boku, em Viena, fundada em 1872, realiza estudos sobre biodigestão e fermentação de diferentes tipos de biomassa. A delegação do Sistema FAEP/SENAR-PR conheceu sistemas que permitem que o biogás produzido seja convertido em energias elétrica, térmica e biocombustível. O departamento de Ciências Agrônômicas da universidade foi fundado há 25 anos para conectar a ciência agrária com biotecnologia.

Martin Hubinger, CEO da Progressio, fez uma palestra à delegação paranaense na universidade. Ele explicou sobre os cuidados para a instalação de uma usina de biogás, considerando que a escolha da tecnologia é muito importante, já que não é possível adaptar um equipamento. “O biodigestor deve ser projetado levando em consideração o tipo de resíduos existentes na região. Para que o processo funcione bem é muito importante saber a quantidade de

material utilizado. Também é importante conhecer os resíduos e saber sua composição.”

Hubinger apresentou o projeto de cooperação entre a Spirit Design (Áustria) e a ClBiogás (Brasil). O trator CH4PA, movido a biometano e desenvolvido na Universidade de Boku, está há um ano sendo testado na Usina de Itaipu.

Na apresentação “Aplicação de Biogás e Biometano - Mobilidade para o Brasil”, Gunther Bochmann, da Universidade de Boku, apresentou as possibilidades de uso de energia elétrica, térmica, fertilizante e combustível. “A solução mais sustentável na produção de biogás é o uso de dejetos animais – aves, suínos e bovinos.



Roteiro austríaco

Na Áustria, a delegação do Sistema FAEP/SENAR-PR fez várias visitas e assistiu a diversas palestras. Em Linz, na região da Alta Áustria, a gerente de Energias da Energy Academy, Christiane Egger proferiu palestra sobre “Energias renováveis e eficiência energética”.

A Energy Academy é única na região e representa os interesses nacionais e os geradores de usinas de biogás. São 4,8 mil membros, que se dividem em 23 grupos regionais. A Europa busca segurança energética e quer reduzir a dependência de combustíveis fósseis e outras fontes de energia. A meta é atingir a autossuficiência até 2030. “Há 25 anos que a Áustria decidiu tomar nas próprias mãos o futuro da energia”, diz Christiane.

A região da Alta Áustria é industrial, tem 1,5 milhão de habitantes e produz 25% das exportações do país. O investimento em eficiência energética e em tecnologias de energia renovável pode contribuir na redução de custos, melhorando a competitividade das empresas.

A Energy Academia pesquisa a utilização de pellets (resíduos de madeira) como matéria-prima para calefação em residências urbanas. A Áustria tem 53 mil sistemas de calefação por biomassa.

Os 35 integrantes, entre produtores, presidentes e delegados de sindicatos rurais, técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR e de empresas parceiras, também conheceram a Rohkraft, uma instituição que produz energia renovável para a região de Sitzenberg-Reidling.

São duas plantas de biogás que fornecem 8,4 mil kW de eletricidade por ano para a rede elétrica local, que atendem 2,5 mil casas da região. A instituição busca a biodiversidade da agricultura por meio da geração de energia.

Na Áustria, a redução de consumo de combustível fóssil em função da preocupação com os problemas climáticos e a emissão de gases que provocam o efeito estufa, também são fatores que motivam o desenvolvimento de energias renováveis. “O Brasil tem oportunidade de usar diversos tipos de fontes de energia. Também temos uma grande agricultura com potencial para fornecimento de biomassa. O que a Europa tem de diferente é o apoio governamental”, garante Helvetia Maria Rother, presidente do Sindicato Rural de Renascença.



Marco Legal para as energias renováveis

Uma oportunidade para o desenvolvimento sustentável e diversificação da agropecuária



No ano de 2016, a balança comercial do Paraná foi positiva e o agronegócio representou algo em torno de 35% do PIB e 75% das exportações. Apesar da economia estar estagnada, esse setor continua crescendo. Entretanto, para que o agronegócio paranaense mantenha os resultados positivos e continue ampliando e ganhe mais competitividade e destaque para o Brasil e o mundo, três fatores são fundamentais: a Segurança Energética, hídrica e ambiental. Para que esse setor mantenha tal ritmo de desenvolvimento, faz-se necessário investir em novas alternativas que garantam qualidade e disponibilidade firme de energia no campo, com qualidade de água e soluções ambientais, além de contribuir para aumentar a renda do produtor.

Diante dessa realidade, uma nova alternativa energética e ambiental aparece para o agronegócio: o biogás. O biogás é oriundo da degradação da matéria orgânica (dejetos e resíduos agroindustriais, entre outros) em ambientes anaeróbicos. É a única energia renovável que transforma um passivo ambiental em um ativo energéti-

co com valor econômico. Figurativamente, transforma-se cocô de galinha em dinheiro. Esse gás verde, que possui em média 60% de metano, pode ser usado para geração de energia elétrica, térmica e veicular. O Paraná possui um potencial de 23 milhões de m³ de biogás/dia, isto equivale a uma usina de potência instalada média de 2 mil MW, ou seja, 14,28% da Itaipu Binacional. Portanto, a lei da conservação, enunciada por Lavoisier, não poderia ser melhor ilustrada: do dejetos, nada se perde, tudo se transforma. No caso, os passivos são minimizados, há incremento da renda e impulso da economia, que nesta equação verde se manifestam como energia, biofertilizante, conservação dos recursos naturais e redução de emissões dos gases de efeito estufa.

A destinação correta dos dejetos e resíduos agroindustriais também precisa estar contemplada na agenda do desenvolvimento sustentável do agronegócio, contribuindo para atingir as metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). É preciso inovar e pensar em soluções sistêmicas que contemplem energia, alimento,

meio ambiente e água.

Esta viagem técnica à Europa, promovida pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, contribui para o processo de transição de conscientização de um sistema egossistêmico (que olha só para o seu setor) para o ecossistêmico que leva em consideração o bem-estar de todos com o foco no econômico, ambiental, cultural e, sobretudo, no social. Não há desenvolvimento social, sem desenvolvimento econômico. Essa forma de pensamento amplo e sistêmico vem sendo estudada por Otto Scharmer (economista e professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT) e é defendida como uma premissa fundamental para o desenvolvimento sustentável e consistente de um território (região ou Estado). Para isso, é mister que os diversos setores compreendam como cada um funciona e como pensa. A partir daí, com empatia, diálogo e respeito, é possível criar um ambiente institucional e político que permita construir um projeto consistente de energias renováveis para o campo, com foco no aumento de competitividade do agronegócio e, conseqüentemente, no desenvolvimento de nosso Estado.

Essa viagem proporcionada pelo Sistema FAEP/SENAR-PR foi um banho de aprendizagem, principalmente, pelos vários projetos visitados e pela diversidade do grupo, formado por produtores rurais, técnicos de órgãos ambientais, empresas de energia e centros de inovação, o que promove uma visão ampla e sistêmica das energias renováveis e sua aplicabilidade para o Paraná. Impressiona como as pessoas com as quais convivemos nos ensinaram a desenvolver percepções novas com base na visão do produtor, nos ajudando a compreender com mais profundidade os reais problemas e desafios para a implantação de um programa para o desenvolvimento de energias renováveis no campo. Para-

béns ao Sistema FAEP/SENAR-PR por ser catalisadora desse encontro que, sem dúvidas, produzirá bons frutos para o avanço das energias renováveis no campo.

Não basta saber que: “o produtor precisa de energia e respeitar o meio ambiente”. É preciso saber a posição importante que o produtor ocupa no contexto social e econômico, quem pode trabalhar e ajudar para se ter soluções sustentáveis de energia e ambientais e o mais importante, como gerar lucros e renda para o produtor rural com a criação de uma nova economia no estado: a agroenergia, que é um novo mercado, ainda inexplorado, que precisa ser desbravado além das atuais fronteiras setoriais vigentes com o desenvolvimento de serviços e produtos de qualidade.

Portanto, temos um grande desafio pela frente que é o estabelecimento, pelo governo do Paraná, de um Marco Legal para as energias renováveis com foco no desenvolvimento sustentável, propondo estratégias de como as energias renováveis podem contribuir para ampliar a vocação rural, originalmente voltada somente para a produção de alimentos. Assim, gradativamente pode ser incluído uma nova vocação: a produção de energia, que gerará uma nova cadeia de suprimentos que abrange a indústria, serviços e comércio, além de criar capital humano, tecnológico e financeiro-econômico, necessários ao desenvolvimento regional competitivo do agronegócio.

Newton Kaminski,
superintendente de Obras e
Desenvolvimento da Itaipu Binacional

Rodrigo Regis de Almeida Galvão,
diretor presidente do CiBiogás



Rodrigo Galvão e Newton Kaminski

IAP dá prazo para revisão de Termo de Compromisso

Produtor tem até 31 de dezembro de 2017 para solicitar a modificação do documento assinado pelo antigo Sisleg



Por Carla Beck
Assessora Técnica DTE/FAEP

O Instituto Ambiental do Paraná (IAP) publicou, em 28 de agosto de 2017, a Portaria nº 154, que estabelece a data de 31 de dezembro de 2017 como prazo final para o protocolo dos pedidos de revisão de Termos de Compromisso arquivados no IAP, no extinto Sistema de Manutenção, Recuperação e Proteção da Reserva Florestal Legal e Áreas de Preservação Permanente (Sisleg).

O novo Código Florestal estabeleceu regras transitórias, com dimensões menores de recomposição de Áreas de Preservação Permanente (APPs) e Reserva Legal (RL) de áreas consolidadas.

Para obter os benefícios do Novo Código Florestal (Lei n.º 12.651/12) é preciso fazer o Cadastro Ambiental Rural (CAR) e, se necessário, aderir ao Programa de Regularização Ambiental (PRA) também até 31 de dezembro de 2017.

O Decreto 8.235, de 5 maio de 2014, estabeleceu que os termos de compromissos para a regularização ambiental do imóvel rural referentes às Áreas de Preservação Permanente, de Reserva Legal, assinados sob a vigência da legislação anterior (Lei Federal n.º 4.771/65), deverão ser revistos para se adequarem ao disposto no novo Código Florestal.

Os produtores do Paraná que fizeram o Sisleg e assinaram Termos de Compromisso para recuperação de APP e RL, de acordo com o Código Florestal antigo, também podem obter esses benefícios. Para tanto, é necessário solicitar a revisão desses termos de compromisso.

É importante destacar que o protocolo do pedido de revisão do termo é condição essencial para o aproveitamento dos benefícios. Sendo assim, só vai ser aplicado nos casos em que o proprietário do imóvel rural requerer a revisão. Quem não fizer o pedido tem a obrigação de cumprir integralmente os termos antigos.

Quem deve solicitar a revisão dos termos de compromissos?

Proprietários que assinaram Termos de Compromissos (TC) com o Sisleg para recuperar Áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal, de acordo com o antigo Código Florestal e cumpriram em parte ou não cumpriram, podem requerer a revisão desses compromissos assumidos para se adequarem ao Novo Código Florestal.

Se o produtor não requerer a revisão dos TC até 31 de dezembro de 2017?

O produtor que tiver assinado um Termo de Compromisso com IAP-Sisleg e não requerer a solicitação de revisão do TC até 31 de dezembro de 2017, de acordo com a Portaria 154 do IAP, terá que cumprir integralmente o termo anterior, assinado de acordo com o antigo Código Florestal.

Como produtor deve proceder para solicitar a revisão do TC?

- Preencher o ofício de solicitação justificando o motivo;
- Anexar os documentos pessoais: CPF e carteira de identidade;
- Anexar Termo de Compromisso, o CAR e matrícula do imóvel;
- Protocolar no IAP o pedido de revisão até 31 de dezembro de 2017;
- Guardar o número do protocolo de solicitação.

O modelo do pedido de revisão e a íntegra da Portaria nº 154 do IAP podem ser acessados no site www.codigoflorestal.sistemafaep.org.br, no link Modelos.

Rentabilidade melhora, mas não cobre custos



Por **Ana Paula Kowalski**
Assessoria Técnica do DTE/FAEP

No mês de julho, a FAEP percorreu quatro regiões produtoras do Paraná para levantamento dos custos de produção da safra de grãos 2016/17. O levantamento faz parte do Projeto Campo Futuro da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com a FAEP, Sindicatos Rurais e Cepea-Esalq/USP.

Foram realizadas reuniões em Castro, Guarapuava, Cascavel e Londrina que contaram com a participação de produtores rurais e técnicos que, juntos, estabeleceram a propriedade típica de cada região, os coeficientes técnicos, os custos de produção e as informações de comercialização.

Foram caracterizados os principais cultivos do sistema de produção de grãos: soja, milho (1ª e 2ª safra), feijão (1ª e 2ª safra), trigo e cevada.

O desempenho da safra foi excepcional para a maioria das culturas, superando as expectativas iniciais para soja, milho, trigo e cevada. Problemas foram registrados na 1ª e 2ª safra de feijão por chuva na colheita e geadas.

Enquanto os resultados a campo foram bons, os problemas concentraram-se na comercialização. Conforme os dados coletados pelo Cepea, os preços foram caindo ao longo da safra e não houve contraponto da taxa de câmbio, que também caiu. Como agravante, houve pouca venda antecipada, o que significa dizer que a maior parte da safra foi comercializada a preços mais baixos. A exceção foi o feijão, comercializado conforme o ritmo de colheita, mas que também sofreu com as flutuações bruscas de preços.

As receitas com a soja, feijão e cevada conseguiram cobrir o Custo Total (CT). Já

o milho 1ª safra, milho 2ª safra e o trigo tiveram margem negativa sobre o CT. Estes resultados consideram a média das regiões onde foram realizados os painéis.

O pior resultado foi o do milho 2ª safra, com prejuízo de R\$ 1.204/ha. A receita não cobriu nem mesmo o Custo Operacional Efetivo (COE) de R\$ 2.395/ha. O preço de venda para cobrir o COE precisaria ser de R\$ 26,12/sc.

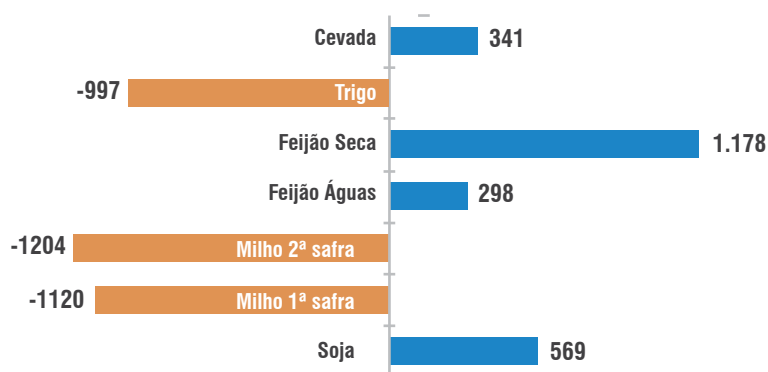
O melhor desempenho foi do feijão da seca com lucro de R\$ 1.178/ha. O resultado obtido foi uma combinação de preços mais elevados e CT de R\$ 4.856/ha, valor 11% inferior ao feijão das águas.

A margem líquida da soja foi de R\$ 569/ha. O COE de R\$ 2.558/ha foi o segundo menor de todas as culturas pesquisadas, perdendo apenas para o trigo. O CT da soja para a safra 2016/17 foi de R\$ 3.890/ha ou R\$ 60,03/sc.

Em relação à safra 2015/16 o custo de produção subiu em média 3% para as regiões e cultivos pesquisados. Porém, este comportamento não foi unânime para todas as culturas. O custo da soja na safra 16/17 ficou 4% inferior. O custo do feijão foi 15% inferior.

Já para milho 1ª safra o custo foi 1% superior. Para o milho 2ª safra o acréscimo nos custos foi de 4%. As culturas de inverno foram as que tiveram o maior aumento no custo de produção: 16% para o trigo e 32% para a cevada.

Margem sobre o Custo Total (R\$/ha) Safra 2016/17 | Média Paraná*



*Nota: Regiões onde foram realizados os levantamentos de custo: Cascavel, Castro, Guarapuava e Londrina

Fonte: Campo Futuro, 2017. Elaboração: DTE | FAEP

Resultados da Safra 2016/17 por cultura - Média Paraná*

| | Soja | Milho 1ª safra | Milho 2ª safra | Feijão Águas | Feijão Seca | Trigo | Cevada |
|------------------------|----------|-------------------|-------------------|-----------------|----------------|----------|----------|
| Preço médio (R\$/sc) | 68,64 | 27,45 | 22,54 | 140,00 | 160,00 | 34,73 | 44,86 |
| Produtividade (sc/ha) | 64,69 | 175,75 | 92,56 | 41,50 | 36,50 | 67,22 | 85,00 |
| Receita Bruta (R\$/ha) | 4.458,71 | 4.885,99 | 2.070,13 | 5.740,00 | 6.035,00 | 2.354,41 | 3.798,40 |
| COE (R\$/ha) | 2.558,25 | 4.564,05 | 2.395,25 | 4.047,83 | 4.058,53 | 2.482,09 | 2.675,26 |
| COT (R\$/ha) | 2.767,55 | 4.905,10 | 2.541,84 | 4.300,01 | 4.309,30 | 2.675,13 | 2.910,27 |
| CT (R\$/ha) | 3.890,17 | 6.005,79 | 3.274,61 | 5.442,00 | 4.856,53 | 3.351,76 | 3.457,50 |

*Nota: Regiões onde foram realizados os levantamentos de custo: Cascavel, Castro, Guarapuava e Londrina

Fonte: Campo Futuro, 2017. Elaboração: DTE | FAEP

Ao comparar a margem líquida das safras 2016/17 em relação à 2015/16, o bom resultado da soja deve-se ao menor custo e maior receita (devido à produtividade e não ao preço). A situação crítica do milho é resultado do aumento do custo e queda na receita (efeito direto do menor preço). Para o feijão (média do feijão das águas e das secas), a queda nos custos foi equivalente à queda na receita (preço menor, apesar da produtividade maior).

No caso das culturas de inverno, o aumento na receita da safra 16/17 superou o aumento do custo. Para o trigo o ganho foi resultado direto da produtividade, uma vez que o preço observado entre as duas safras foi praticamente o mesmo. Para a cevada o grande incremento de produtividade foi acompanhado de uma alta de 30% no preço médio apurado junto aos produtores no painel de levantamento de custos.

Custo Operacional Efetivo (COE)

São os gastos correntes da propriedade, que o produtor precisa desembolsar a cada safra. São eles: insumos, pró-labore, mão de obra, operações mecânicas e despesas administrativas.

Custo Operacional Total (COT)

Corresponde à soma do COE + depreciações. O COT indica se o produtor tem condições de reposição da sua capacidade produtiva.

Custo Total (CT)

Corresponde à soma do COT + remuneração do capital investido + custo de oportunidade da terra.

Cotação é a vilã do prejuízo do milho

O preço baixo levou prejuízo aos produtores rurais que apostaram no milho tanto na primeira quanto na segunda safra, no último ciclo, em todo o Paraná. Essa é a avaliação de lideranças sindicais que acompanham de perto o dia a dia do campo em todo o Estado. Mesmo com produtividades recordes, a receita obtida com a venda do cereal deixou a desejar justamente pela sua baixa conversão em dinheiro.

No Norte do Paraná, em Londrina, o presidente do Sindicato Rural do município Narciso Pissinati conta que os produtores têm se queixado que mesmo produzindo acima de 130 sacas por hectare (a média estadual fechou em torno de 95 sacas por hectare) na segunda safra, as contas não fecham. “O preço é o principal problema, mas não veio sozinho. O custo de produção hoje é muito alto, um saquinho de sementes está saindo R\$ 700. Precisamos revisar essa ideia de alto investimento na implantação da cultura, colocar na ponta do lápis e ver se vale mesmo a pena”, aponta.

Para o presidente do Sindicato Rural de Castro, nos Campos Gerais, Eduardo Medeiros, fato de boa parte dos produtores paranaenses terem prejuízos com o milho, assim como outros Estados do Brasil, indica que é preciso haver uma mudança na maneira como a política econômica do país é conduzida. “Muita gente que fala que esses prejuízos saem da gordura que tem o produtor rural, mas isso não é gordura, é o nosso capital de giro. Na minha visão, as propriedades cada vez mais vão ter dificuldade para sobreviver só com grãos. Quem quiser sobreviver vai ter que investir em diversificação e reduzir os custos fixos. E é preciso deixar claro que a atual política econômica quebra o produtor rural”, opina.



Mona Lisa

Ícone cultural, o retrato da dama florentina pintado por Leonardo Da Vinci encanta e motiva estudos para desvendar mistérios por trás do quadro mais famoso da história

Uma das pinturas mais famosas da história guarda um grande mistério. Afinal, quem foi a mulher que posou para Leonardo Da Vinci (1452-1519) produzir sua obra-prima, a Mona Lisa, ou La Gioconda, como preferirem? Pintado entre 1503 e 1505, em Florença (Itália), o retrato medindo 77cm x 53cm traz a modelo introspectiva estampando um sorriso tímido. A versão mais corrente entre os historiadores é que ela seria a esposa de Francesco del Giocondo (1465-1542), um comerciante de Florença, vizinho de Da Vinci. Lisa Gherardini (1479-1542) teria 25 anos quando teria sido retratada pelo artista. Mas as vestimentas consideradas simples para uma mulher de um homem rico alimentam as teorias contrárias a essa versão.

Outros historiadores afirmam que seria Isabel de Aragão. Há quem aposte que a pintura não passe de um autorretrato de Da Vinci. A resposta talvez nunca seja respondida, mas a aura e o culto ao quadro de 512 anos devem permanecer. Basta ver as longas filas formadas para vê-lo, mesmo que atrás de uma parede de vidro blindado no Museu do Louvre, em Paris.

Na pintura, Leonardo Da Vinci usou uma técnica criada por ele, chamada sfumato, que mescla e suaviza as formas intensificando luz e sombra, sem a utilização de linhas de contorno. O artista empregou o método nos cantos da boca e nos arredores dos olhos do quadro, reforçando a dificuldade para se desvendar a verdadeira expressão da modelo.

Desde que foi pintado, o retrato de Mona Lisa passou por várias mãos. Em 1516, Da Vinci levou a obra para a França, onde a vendeu ao rei Francisco I (1494-1547). Séculos depois, Napoleão Bonaparte (1769-1821), também impressionado com a pintura, decidiu ficar com ela. Sem pagar nada, é claro. Em 1911, em um impulso nacionalista, o italiano Vincenzo Peruggia (1881-1925) roubou o quadro do Louvre e o levou para a Itália. Há décadas, Mona Lisa “passa” seus dias exposta no famoso museu francês, protegida contra gatunos e flashes de visitantes menos preocupados com a sobrevivência para a posteridade da Gioconda.

Parceria para formar gestores

Curso focado em conhecimentos de gestão amplia cultura de liderança dentro da empresa



Há dois anos, uma novidade levada pelo SENAR-PR tem provocado grandes transformações na empresa Pluma Agroavícola, no Sudoeste do Paraná. As duas instituições uniram forças para promover dentro da companhia o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris – Gestão de Pessoas – Métodos Operacionais. A parceria resultou em quatro turmas formadas em 2016 e outras quatro em andamento neste ano. São cerca de 130 funcionários capacitados ou em capacitação e uma mudança de cultura dentro da organização que já rende bons frutos.

A Pluma está presente em cinco Estados brasileiros, com um total de 5 mil funcionários. O curso foi aplicado na unidade de Dois Vizinhos (Sudoeste). Nesta planta trabalham cerca de mil funcionários. As atividades da empresa são diversificadas, com atuação em toda a cadeia, da produção de ovos férteis e pintinhos até matrizes recriadas e também na fabricação da ração. A companhia atua tanto no mercado nacional quanto no internacional, com a exportação

para Paraguai, Venezuela, Senegal e Arábia Saudita.

O porte da empresa exige eficiência nos seus inúmeros processos. Dessa forma, muitos funcionários que começaram em funções operacionais crescem dentro da organização e se tornam líderes. “Nós temos, por exemplo, os monitores de granja, que são aqueles que trabalham diretamente no setor produtivo e exerciam cargos operacionais anteriormente. Em alguns casos, a pessoa não está preparada para saber como lidar com algumas situações que envolvem pessoas e como se comportar nesses momentos”, explica Edinéia Borges, coordenadora de talentos humanos da Pluma Agroavícola – unidade de Dois Vizinhos.

Depois de receber a visita de um representante do SENAR-PR, a direção da companhia percebeu o potencial e apostaram na parceria para gerar resultados. Edinéia avalia que quase dois anos depois do início da primeira turma, a diferença em relação ao perfil de gestão na base da empresa é notável. “Quando você tem experiência de como

funciona a prática, você tem um grande potencial para se tornar um bom gestor. O que acontece é que, às vezes, temos um ótimo auxiliar de produção, mas que precisa melhorar na habilidade de gestão, e o curso traz um conhecimento que possibilita despertar essa habilidade. Você nota uma mudança nítida na postura dessas pessoas que participaram do curso”, afirma a coordenadora.

Exemplos

O supervisor de produção Lucas Piovezam se formou nas primeiras turmas, em 2016. O profissional revela que o que chamou sua atenção foi o fato de cada pessoa ter uma visão diferente para tratar uma circunstância, mesmo que todos compartilhem o mesmo foco. “Pude perceber que nem sempre a forma que pensamos é o melhor jeito de resolver as coisas”, conta. “Às vezes, nos deparamos com ações ou situações nas quais reagimos de forma precipitada. Em grande parte isso ocorre por conversas mal realizadas, entendidas de forma distorcida, coisas que podem ser mais eficientes se estivermos abertos e preparados para tratarmos esses aspectos com as pessoas envolvidas”, prossegue.

Já Mayara Cristina Machuca, analista de qualidade, participa de uma das turmas que está em andamento neste ano. Para ela, a formação tem proporcionado autoconhecimento e desenvolvimento profissional. “Em cada fase do curso é um aprendizado novo. Um exemplo são as ferramentas existentes para melhorar os processos de gestão e como podem ser trabalhadas em situações do cotidiano. O material didático de fácil acesso e compreensão também é um suporte completo para tirar dúvidas que possam surgir futuramente”, enfatiza.

O curso

Para Márcia Gottardello, da Gerência Técnica do SENAR-PR, as mudanças provocadas pelo desenvolvimento tecnológico caracterizam um novo cenário nas organizações para elas se tornarem competitivas. “O principal desafio está no processo da gestão das pessoas. O campo precisa de profissionais capazes de liderar equipes com eficiência. Dessa forma é possível proporcionar a participação efetiva dessas equipes na construção das melhores soluções e rotinas para propriedades e empresas rurais, com sustentabilidade, economia, gestão do tempo e adequados às necessidades dos consumidores”, diz Márcia.

Por isso, o SENAR-PR elaborou o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris – Gestão de Pessoas – Métodos Operacionais. “O principal objetivo é despertar gestores para administrarem propriedades e empresas rurais adotando princípios de gestão de pessoas e processos, de forma participativa e sustentável”, afirma Márcia. Além da formação dentro da empresa Pluma, já foram realizadas dezenas de outras turmas espalhadas por várias regiões do Estado.



Curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris – Gestão de Pessoas – Métodos Operacionais

2015: 5 turmas / 74 formados

2016: 15 turmas / 172 formados

2017 (até setembro): 14 turmas / 91 formados

Total: 34 turmas e 337 formados

Carga horária: 80 horas

Público-alvo: gestores de propriedades e empresas rurais.

Pré-requisitos: ensino fundamental completo e mais de 18 anos.

Principais temas: gestão de pessoas; recrutamento, seleção e demissão pessoal; gestão de processos e negócios.

FONTE: SENAR-PR.

Laranja sadia

Pesquisa científica garante boa qualidade sanitária dos pomares paranaenses, mas olhar atento do produtor ainda é a melhor ferramenta



Cultura de grande importância econômica para o Brasil (o país é o principal exportador mundial do suco da fruta), a laranja conta com um grande arsenal técnico para garantir sua produtividade. Existem testes de DNA em folhas para conferir a presença de bactérias, fábricas de insetos para combater as pragas dos pomares e uma série de tecnologias à disposição dos citricultores. Porém, nenhuma delas substitui o bom manejo e o olhar atento do produtor.

Essa pode ser a diferença entre o sucesso ou o fracasso no longo prazo. O descaso com a sanidade dos pomares levou à erradicação de uma grande área de citros no Estado de São Paulo, principal produtor nacional, e está levando a Flórida, maior região produtora dos Estados Unidos, a uma queda sem precedentes na produção.

Boa parte dos investimentos na citricultura brasileira é direcionada ao controle de pragas e doenças, sendo o Huanglongbing (HBL) ou greening a enfermidade mais danosa aos pomares devido à sua capacidade de destruição e dificuldade de controle. Mas ele não é o único, doenças como o cancro cítrico e a pinta preta também já foram o

pesadelo dos citricultores em um passado recente e é preciso estar atento para que não voltem a causar estragos.

Esse cuidado não é descabido. A laranja é a principal cultura da fruticultura paranaense. A safra que está sendo colhida é estimada em 24,5 milhões de caixas de 40,8 quilos, de acordo com o Departamento de Economia Rural (Derar) da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab), volume 32% superior ao da safra anterior, que sofreu por conta de problemas climáticos.

De acordo com o coordenador de sanidade da citricultura da Agência de Defesa Sanitária do Paraná (Adapar), José Croce Filho, as principais doenças que incidem sobre os pomares são as chamadas “quaternárias”, que são aquelas que implicam em restrição da venda dos frutos no mercado internacional. Se enquadram nesta categoria o cancro cítrico, a pinta preta dos citros e o greening. “Todas elas sob controle no Estado”, afirma.

O Paraná se destaca no cenário nacional com um parque cítrico invejável do ponto de vista sanitário. O Estado foi impedido de plantar laranja durante um longo período

por conta do cancro cítrico. Foi apenas na década de 1990 que retomamos nossa citricultura comercial. A diferença é que quando a produção recomeçou, tinha à disposição um cabedal técnico sanitário desenvolvido pela pesquisa aplicada do Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar). “Foram oferecidas mudas produzidas em viveiros paranaenses e com material propagativo sadio e adaptado para as condições de clima e solo do Estado”, diz Croce.

Além de pomares mais jovens e sadios, o citricultor paranaense também precisou reaprender o manejo da cultura. Dessa forma reiniciou este processo sem vícios e com um olhar mais atento às condições sanitárias. Também pesa em favor da citricultura no Paraná a forte presença dos sistemas cooperativo e associativista, que ajudam a organizar a produção e promovem o manejo correto das plantas.

Olhar do produtor

Para auxiliar o citricultor a manejar corretamente sua produção, o SENAR-PR oferece o curso Trabalhador na Fruticultura Básica – Clima Tropical – Manejo Ecológico de Pragas em Citros. Neste ano já foram realizadas três turmas nas regiões de Campo Mourão, Londrina e Ponta Grossa. Segundo Valdomiro Tormen, doutor em produção vegetal e instrutor do SENAR-PR, uma das principais medidas é o manejo ecológico de pragas. “A cada 15 dias o produtor faz uma vistoria nas plantas caminhando pelo pomar e recolhe uma amostragem de 1% de cada talhão. Ele avalia se tem pragas, analisa frutos, ramos, anota os sintomas numa planilha de controle e encaminha esses dados para o engenheiro agrônomo responsável, que irá definir qual estratégia adotar”, explica Tormen.

Com este acompanhamento é possível verificar a existência das pragas e dos inimigos naturais destes insetos que coexistem nas áreas de produção. “Se o ambiente é desfavorável ao aumento da população de pragas, não seria necessário aplicar agroquímicos naquele período”, afirma. Com isso, além de um pomar sadio, o produtor economiza dinheiro. Segundo Tormen,

em Paranaíba (região Noroeste) houve casos em que os produtores ficaram 14 meses sem aplicar agroquímicos. “Isso representa uma economia significativa para o citricultor”, observa.

Essa também é a opinião de Croce, da Adapar. “As inspeções regulares nos pomares, ajudam a identificar problemas fitossanitários ainda no início, o que favorece o uso racional de agrotóxicos”, diz.

DNA das doenças

Nos casos em que há dificuldade para identificar uma enfermidade das plantas, a ciência também está do lado do citricultor. “O agrônomo vai a campo e suspeita que uma folha está com sintoma de greening, mas, às vezes, pode ser só uma deficiência nutricional, essas coisas podem confundir”, observa Willian Nunes, especialista em fitopatologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Em casos de dúvida, é possível realizar um teste de laboratório, no qual é extraído o DNA da planta e aquilo que estiver junto, como bactérias causadoras de doenças, por exemplo. “Às vezes, o sistema não está apresentando sintoma, mas a bactéria já está lá”, observa Nunes. Além da precisão, a velocidade é outra vantagem. “Em três dias você tem o resultado.”

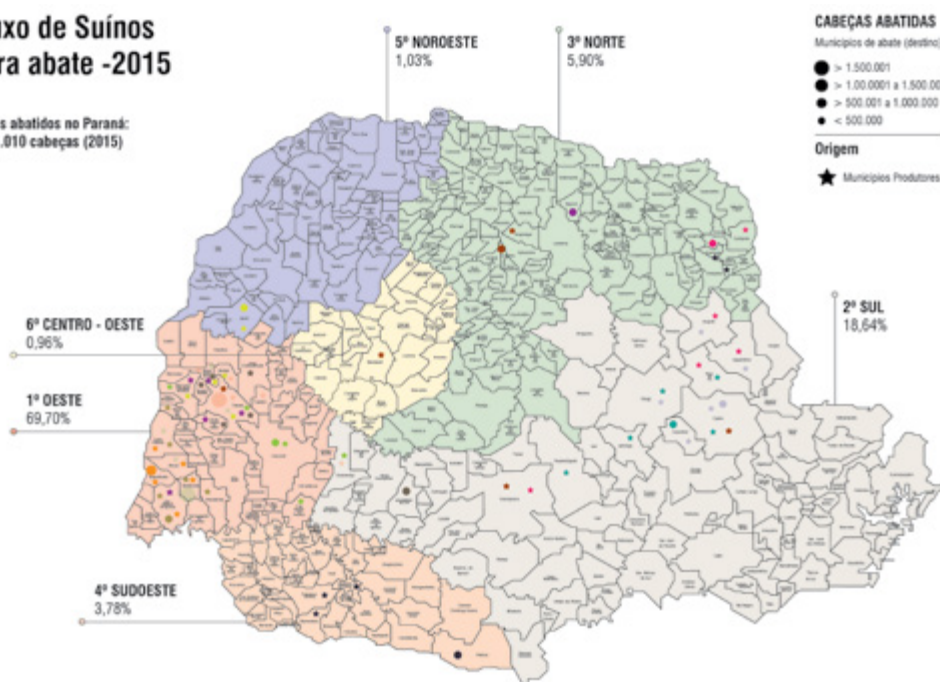


Logística determinante na suinocultura

Atividade paranaense tem no vai-e-vem dos caminhões uma das engrenagens para o funcionamento da cadeia

Fluxo de Suínos para abate -2015

Suínos abatidos no Paraná:
7.841.010 cabeças (2015)



Poucas culturas do agronegócio têm a logística como um fator tão determinante como a suinocultura. A atividade no Paraná conta com 47% dos produtores cooperados, 30% integrados e apenas 23% independentes. Nos dois primeiros modelos, o sistema de produção é vertical, ou seja, as unidades industriais estão organizadas em fábrica de ração, frigorífico e granjas (leia-se suinocultores).

Diante desta estrutura, a logística aparece como uma das engrenagens para o funcionamento da cadeia. Geralmente, a produção está concentrada em torno das unidades industriais, com tráfego intenso de veículos para o fornecimento de ração, animais, reprodutores, sêmen, medicamentos, vacinas e assistência técnica às granjas. As principais agroindústrias e cooperativas com produção integrada estão localizadas nas regiões Oeste e Sul do Estado.

Na outra ponta da cadeia, o transporte é fundamental para que insumos – soja e milho – sejam levados dos produtores, cerealistas e/ou cooperativas até as fábricas de ração. Segundo dados do setor, cada animal consome cerca de 330 quilos de ração até o abate.

Caminhões de até 14 toneladas fazem o transporte

de ração a granel até as granjas e dos produtos finais até os canais de distribuição. O transporte de animais vivos é realizado com caminhões truck, com carroceria de dois pisos, caminhões quatro eixos com carrocerias de dois ou três pisos e semirreboques com três pisos. Ainda, o transporte de leitões de creche, entre 22 e 26 quilos, é feito em grupos de 300 a 400 animais por caminhão truck de dois pisos e de 580 a 630 animais em caminhões quatro eixos com três pisos.

Conforme informações da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), em 2015, o transporte de suíno vivo no Brasil se concentrou num raio de 113 quilômetros ao custo estimado de R\$ 5,44 por animal.

Treze municípios das regiões Oeste, Sul, Sudoeste, Norte e Noroeste concentram 89% dos abates de suínos do Estado. Conforme levantamento da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), em 2015, considerando todas as finalidades de trânsito, a maioria dos suínos transportados teve como destino algum município pertencente a mesma região da cidade de origem.

Essas e outras informações do escoamento da suinocultura paranaense fazem parte do estudo “Potencial de Escoamento da Produção Agropecuária Paranaense”, desenvolvido pelo Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP. O documento traz dados sobre produção e escoamento das principais cadeias do agronegócio estadual: soja, avicultura, bovinocultura de leite, cana-de-açúcar, batata, fertilizantes, milho, trigo, feijão, mandioca, bovinocultura de corte, cultivos florestais e trigo. O estudo completo pode ser acessado no site do Sistema FAEP, no link Serviços.

Jornada destaca benefícios do pastejo em área de soja

Evento promovido pelo Iapar e Emater, com apoio da FAEP, reuniu cerca de 1,3 mil pessoas em Santa Tereza do Oeste



O pastejo em forrageiras no inverno proporciona um incremento de até 15% no rendimento da soja em comparação com áreas não pastejadas. Esse e outros resultados foram apresentados durante a IV Jornada Tecnológica no Campo “Integração Lavoura e Pecuária”, que ocorreu na última semana de agosto, em Santa Tereza do Oeste, no Oeste do Estado. O evento foi promovido pelo Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Polo Regional de Pesquisa Oeste, e pelo Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), com apoio da FAEP. Na ocasião, a Jornada ainda contou com a visita técnica dos participantes do I Congresso Brasileiro de Sistemas Integrados de Produção Agropecuária.

“A integração da lavoura com pecuária torna a propriedade menos vulnerável em casos de quedas de preços das commodities, de produção por adversidades climáticas, melhora o solo pela ciclagem de nutrientes pelas fezes e urina bovina, além de maximizar o uso da terra ao longo do ano, gerando mais empregos e renda”, destaca o pesquisador do Iapar Elir de Oliveira. Esse sistema

faz parte das premissas do Programa Pecuária Moderna, que trabalha, desde 2015, para revitalizar e modernizar a pecuária no Paraná.

Durante os dois dias, cerca de 1,3 mil pessoas, entre produtores, profissionais e acadêmicos, participaram da Jornada, inclusive diversas excursões de produtores, de várias regiões do Estado. O público pôde debater temas como o manejo e adubação de forrageiras de inverno, cultivares de aveia e azevém, sobressemeadura de aveia com leguminosa em grama Tifton 85 e Coastcross, tratamento de forragens de baixa qualidade em épocas críticas, produção de pré-secado de aveia granífera, condicionamento físico do solo em sistemas integrados e uso de grãos de aveia branca para suplementação em épocas críticas.

“A grande participação dos produtores, profissionais e estudantes demonstra o interesse pelo sistema de integração como alternativa para diversificação da produção, pois proporciona benefício mútuo para as produções de grãos e animal. Além, claro, de favorecer a estabilidade econômica da propriedade”, aponta Oliveira.

Adapar prorroga consulta pública sobre uso de assinatura eletrônica

Prazo para envio de sugestões vai até o dia 4 de outubro

A Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) prorrogou o prazo para o envio de sugestões à portaria que prevê o uso da certificação digital e assinatura eletrônica em receituários agronômicos, bem como prevê o cadastro de usuários de agroquímicos no Paraná. Os produtores rurais e demais pessoas interessadas no tema têm até 4 de outubro para contribuir com a consulta pública antes que as novas normas entrem em vigor.

Confira abaixo as principais mudanças e como enviar comentários, críticas ou sugestões sobre o tema.

O que é a portaria?

A Portaria 180, de julho de 2017, da Adapar, institui inativações na forma de assinatura do receituário agronômico e envio de informações sobre o comércio e uso de agroquímicos no Estado por meio do Sistema de Monitoramento do Comércio e Uso dos Agrotóxicos no Estado do Paraná (Siagro).

Como a portaria vai funcionar na prática?

Quando ela entrar em vigor, os profissionais poderão assinar receituários de forma eletrônica, por meio de celulares ou outros dispositivos móveis. Essas receitas serão recebidas pelos canais distribuidores também de maneira eletrônica. Apenas na hora da entrega dos defensivos é que será necessário imprimir a receita em duas vias (uma para o produtor e outra para o comerciante).

O que é assinatura digital?

Assinatura digital pode ser entendida como uma forma de comprovar a autenticidade de um documento emitido eletronicamente. Na prática equivale a uma carteira de identidade virtual.

O que muda com a aplicação da portaria?

As novas normas reforçam procedimentos que já eram exigidos em termos de envio de informações, além de abrir a possibilidade de novas formas de assinar o receituário. Para aqueles que optarem por assinar de maneira manuscrita, nenhuma alteração de procedimento será necessária. É preciso lembrar que como a proposta está em consulta pública, mudanças ainda podem ocorrer.

Quais serão os benefícios com a implantação da portaria?

A nova portaria prevê melhorias em qualidade da informação fiscal, além de trazer os benefícios em termos logísticos para profissionais e produtores que estejam em regiões distantes dos canais distribuidores.

Serviço

A portaria completa está disponível no link consulta pública, no site da Adapar: www.adapar.pr.gov.br. As sugestões podem ser enviadas até o 4 de outubro para consulta.publica@adapar.pr.gov.br ou para a sede da Adapar, na Rua dos Funcionários, 1.559, térreo, bairro Cabral. CEP 80.035-050 – Curitiba (PR).

FAEP pede liberação de R\$ 220 mi ao seguro rural

Dos R\$ 400 milhões previstos à subvenção no Plano Agrícola e na Lei Orçamentária Anual, apenas R\$ 180 milhões foram disponibilizados



A FAEP encaminhou ofício, em setembro, solicitando a liberação dos R\$ 220 milhões do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) que foram contingenciados pelo governo federal. O documento foi encaminhado aos ministérios do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e à bancada de deputados federais do Paraná.

O documento enfatiza que foram previstos no PSR, no Plano Agrícola e na Lei Orçamentária Anual de 2017, um total de R\$ 400 milhões. Até o momento, no entanto, foram disponibilizados apenas R\$ 180 milhões. “Esses recursos foram contingenciados no primeiro semestre de 2017 e prejudicam o desenvolvimento da agricultura brasileira, que tem salvado a economia com geração de divisas, empregos e produtividades recordes desde 2001”, afirma Ágide Meneguette, presidente da FAEP.

A instituição também alerta sobre a situação vivida pelos produtores de trigo e café. O documento enviado aos ministérios e aos deputados ressalta que é necessário disponibilizar R\$ 10 milhões para operações já contratadas de trigo e ainda não contempladas com subvenção, bem como alocar recursos adicionais de R\$ 5 milhões exclusivamente para o seguro de café.

No documento, a FAEP enfatiza que o desenvolvimento do mercado de seguros rurais necessita de maior estabilidade, horizonte de longo prazo e certeza dos recursos. Com essas condições será possível ao produtor obter o crédito rural e/ou comprar insumos ao mesmo tempo em que contrata o seguro rural, considerando o calendário agrícola. “O plantio

da safra não pode esperar”, lembra Meneguette.

A Federação lembra que os produtores contratam o crédito de custeio da safra de verão desde fevereiro de 2017. Com os recursos do programa de seguro atrasados, e que não fazem frente à demanda, se compromete o planejamento dos produtores rurais. Isso coloca o programa em descrédito, com enormes incertezas para a agricultura brasileira.

O documento da FAEP relata ainda que na hipótese de perdas de produção por problemas climáticos da safra atual, a União e a sociedade terão um custo muito maior caso os agricultores não tenham acesso ao crédito rural. “Entre 2006 e 2016, foram pagas pelas companhias seguradoras indenizações aos produtores na ordem de mais de R\$ 4,5 bilhões, expressando a importância dessa política para a economia do país”, lembra Meneguette.

PRODUTOR
RURAL

**FIQUE
ALERTA**

O PRAZO PARA
INSCRIÇÃO NO
CAR E ADEÇÃO AO
PRA TERMINAM EM

31/12/2017

*NÃO PERCA OS
BENEFÍCIOS DO
NOVO CÓDIGO
FLORESTAL

▼
**O SEU
CAR ESTÁ
CORRETO?**

**VOCÊ JÁ
ADERIU
AO PRA?**

acesse www.iap.pr.gov.br e saiba mais



Visita à FAEP

O presidente da FAEP, Ágide Meneguette, recebeu, no dia 11 de setembro, a visita do secretário estadual de Desenvolvimento Urbano, Ratinho Júnior, que estava acompanhado do ex-ministro da Agricultura Reinhold Stephanes. No encontro, realizado na sede da Federação, em Curitiba, foram debatidas ações para atender demandas do agronegócio no Estado, como a melhoria da infraestrutura viária para facilitar o escoamento das safras.

Posse da nova diretoria de Cambé

O Sindicato Rural de Cambé (Norte do Estado) empossou, no dia 3 de setembro, a nova diretoria para o triênio 2017/20. O presidente João Antônio Menolli foi reeleito para o cargo. A diretoria empossada tem Geraldo Gomes, vice-presidente; Divaldo Pizaia, secretário; e José Romualdo Chinaglia, tesoureiro. A solenidade foi realizada no salão Figueira Branca, na sede do sindicato. O evento foi prestigiado por cerca de 80 pessoas, entre produtores rurais e autoridades da região.



LEITOR EM FOCO

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.



Tem ema no pedaço - O leitor Jair Aita, de Cidade Gaúcha (Nordeste do Estado), enviou foto de alguns visitantes emplumados de sua propriedade.



Amor pelos animais - O leitor Aroldo Biezus, de Palotina (Oeste paranaense), encaminhou a foto do filho, Lorenzo, brincando com o cachorro.



CIANORTE

CIPATR

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, organizou, de 5 a 7 de julho, em sua extensão de base em Jussara, o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho Rural – CIPATR. Participaram 14 pessoas com o instrutor Michel Albiero da Silva Santos.



ANDIRÁ

PRIMEIROS SOCORROS

O Sindicato Rural de Andirá promoveu, nos dias 10 e 11 de agosto, o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho – Primeiros Socorros. Participaram 16 pessoas com o instrutor Guilherme Borotta de Campos.



JURANDA

MOOP

O Sindicato Rural de Juranda promoveu, entre os dias 21 e 25 de agosto, o curso Condutores de Veículos – Movimentação e Operação de Produtos Perigosos (MOOP). Participaram 17 pessoas com o instrutor Rovani Dutra.



SANTO ANTÔNIO DA PLATINA

PATROLEIRO

O Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina promoveu, em parceria com a Prefeitura Municipal de Guapirama, de 21 a 25 de agosto, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Motoniveladoras (Patroleiro). Participaram nove pessoas com o instrutor Bruno Bove Vieira.



CAMPINA DA LAGOA

PISCICULTURA

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou, nos dias 25 e 26 de julho, o curso Trabalhador na Piscicultura – Sistemas de Cultivo. Participaram 15 pessoas com a instrutora Janete Maria de Oliveira Armstrong.



RONDON

PISCICULTURA

O Sindicato Rural de Rondon organizou, nos dias 24 e 25 de agosto, o curso Trabalhador na Piscicultura – Sistemas de Cultivo. Participaram 12 pessoas com a instrutora Janete Maria de Oliveira Armstrong.



RIBEIRÃO DO PINHAL

BÁSICO EM MANDIOCA

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal realizou, nos dias 4 e 5 de julho, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca. Participaram 15 pessoas com a instrutora Celeste de Oliveira Mello.



UMUARAMA

GADO DE LEITE

O Sindicato Rural de Umuarama, em parceria com a prefeitura do município, realizou, de 12 a 22 de julho, o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite – Manejo e Ordenha. Participaram 13 pessoas com o instrutor Newton Jodas.

VIA RÁPIDA

Você sabia?

O deserto mais árido do mundo fica no Chile. Segundo pesquisadores, por 571 anos não choveu em uma parte do Atacama. No deserto, que fica no Norte do país, as temperaturas variam de 40° Celsius durante o dia para 0° à noite.



Preocupado com as galinhas

- Ô cumpadi, vamo na igreja?
 - Ai cumpadi não posso ir não por causa das minhas galinhas.
 - Não esquent a cabeça não, Deus cuida.
- Quando chegaram na igreja, o padre fala:
- Deus está aqui!
 - Viiiixii, cumpadi, minhas galinha foi-se tudo.

Tufão ou furacão

A cada ano os Estados Unidos, México e países do caribe enfrentam os ventos fortes e as tempestades provocadas por furacões. Neste ano, uma sequência destes fenômenos meteorológicos vem provocando estragos e deixando vítimas na região. No Japão, o tufão Noru também provocou danos e mortes.

Mas afinal, é furacão ou tufão?

É tudo a mesma coisa. A única diferença é onde surge cada um. Para os meteorologistas, ambos são ciclones tropicais formados em oceanos. Os tufões se formam no Oeste do Pacífico enquanto os furacões surgem no Atlântico e na região Leste do Pacífico. As águas quentes do mar, que precisam estar acima de 27°C, são os principais combustíveis para a formação dos ciclones.



Remo com abóboras

A prática de remar é muito comum em países europeus. Existem disputas centenárias, como a entre alunos das universidades de Oxford e Cambridge, na Inglaterra. Mas também têm disputas exóticas como o tradicional torneio de remo em abóboras gigantes... Sim, isso mesmo. Anualmente, a cidade alemã de Fambach organiza a disputa no qual os atletas usam a fruta como barcos.





Êxodo dos gatos

Um estudo genético analisou o DNA de 200 gatos, vivos ou fósseis do Egito, para tentar explicar como se deu a dispersão desses animais pelo mundo. De acordo com a pesquisa, as rotas de comércio antigas ajudaram a fazer com que os gatos fossem levados para todos os cantos do mundo. Eles eram a solução para combater os ratos, principalmente a bordo de navios. Para o estudo, publicado na revista científica *Nature Ecology & Evolution*, o processo de domesticação dos gatos ainda é pouco conhecido, mas a aparência dos felinos mudou pouco desde a pré-história.



“Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro.”

Dom Pedro II,
imperador brasileiro
(1825 – 1891)

Não entende patavina

A expressão idiomática ainda comum nos dias de hoje nasceu à época do Império Romano. Mais precisamente por causa da cidade de Patavium, atualmente Pádua (Itália). Pois bem. A língua oficial do império era o Latim. A expansão do domínio de Roma levou o idioma para vários cantos. Essa hegemonia pelas vitórias e conquistas fez os romanos se colocarem culturalmente acima dos outros povos, dominados ou inimigos. Então, superiores eram os que falavam e escreviam em Latim. Mas um famoso historiador do império, Tito Lívio (59 a.C – 17 d.C), ousou contrariar o costume e usava o idioma de sua região, Patavium, em suas obras. Daí a maledicência de dizer que não entendeu patavinas do que Lívio escrevia.



UMA SIMPLES FOTO



A HISTÓRIA DO IPÊ

Quando Deus estava preparando o mundo, se reuniu em uma tarde com todas as árvores. Ele pediu para que cada árvore escolhesse que época gostaria de florescer e embelezar a terra.

Foi aquela alegria.

Outono, verão, primavera, diziam.

Porém Deus observou que nem uma escolhia a estação do inverno.

Então Deus parou a reunião e perguntou:

- Por que ninguém escolhe a época do inverno?

Cada uma tinha sua razão. Muito seco. Muito frio. Muita queimada.

Então Deus pediu um favor.

Eu preciso de pelo menos uma árvore que embeleze o inverno. Que seja corajosa para enfrentar o frio, a seca e as queimadas e no frio

embelezar o mundo.

Todos ficaram em silêncio.

Foi então que uma árvore quietinha lá no fundo balançou as folhas e disse:

- Eu vou.

E Deus, com um sorriso, perguntou:

- Qual seu nome minha filha?

Me chamo Ipê, senhor.

As outras árvores ficaram espantadas com a coragem do Ipê em querer florescer no inverno.

Então Deus respondeu:

- Por atender meu pedido farei com que você floresça no inverno não só com uma cor. Para que também no inverno o mundo seja colorido. Como agradecimento, terá diferentes cores e texturas,

sua linhagem será enorme.

E assim Deus fez uma das mais lindas árvores que dá cor ao inverno.

E, por isso, temos os Ipês:

Branco, amarelo, amarelo do brejo, amarelo da casca lisa, amarelo do Cerrado, rosa, roxo, roxo bola, roxo da mata, púrpura...

Que sejamos como os ipês, que saibamos florir nos invernos da vida.

Autor desconhecido

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____

Em ____/____/____

Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

